



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7067 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**ESTUDAR, SUPERAR-SE, PROGREDIR: histórias de enfrentamento da exploração e opressão feminina na EJA**

Aurea de Carvalho Costa - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Marília Ravelli - UNESP - Rio Claro / Instituto de Biociências de Rio Claro - Universidade Estadual Paulista

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

**ESTUDAR, SUPERAR-SE, PROGREDIR: histórias de enfrentamento da exploração e opressão feminina na EJA.**

A pesquisa objetivou compreender a influência da EJA na vida das mulheres. O problema consistiu em como elas interpretam e, conseqüentemente, registram a evasão e a volta à escola, sob a hipótese de que a exploração e a opressão combinadas foram condicionantes desses processos.

O método de pesquisa e análise teve orientação materialista, histórica e dialética sobre as determinações da opressão combinada com a exploração dessas trabalhadoras, que lhes impôs tanto a evasão, quanto o retorno à escola. Os conceitos de luta de classes e negatividade do Estado nos nortearam desde a escolha das colaboradoras da pesquisa: 27 mulheres do último ano do ensino fundamental/EJA, trabalhadoras, pobres. Convidamos as alunas a escreverem anonimamente redações sob a temática “Vida de mulher: a vida na escola e no trabalho e o enfrentamento do machismo”, com reflexões sobre porque abandonaram e retornaram para a escola e quais as expectativas após a conclusão dos estudos. Dividimos em dois grupos para análise: as jovens, de 16 a 29 anos e as adultas, a partir de 30 anos.

A formalização na instrução escolar das mulheres foi uma conquista recente, cuja história foi marcada por exclusões, limitações e interdições objetivas e subjetivas. Devido ao fato de ser reconhecida entre as mulheres como instrumento para a emancipação nos diversos âmbitos das relações no universo público e privado, a escola lhes possibilita transformações qualitativas no modo de vida. (ALMEIDA, 1998).

Na década de 1990 constatou-se a elevação do nível de instrução das mulheres, em comparação a dos homens. Pesquisas mostram que no ensino fundamental há igualdade de instrução entre os gêneros, mas, no ensino médio e superior elas ampliaram sua presença (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002; MELO, et al., 2004), pois após 1990, o ensino fundamental foi universalizado às crianças de sete a 14 anos, no Brasil. No ensino médio, 71,4% dos jovens entre 15 a 17 anos frequentavam a escola. A taxa de escolarização cresceu, chegando a 48,8% de pessoas com 25 anos ou mais com ensino básico completo,

mas ainda há 51,2% que não concluíram o ensino básico (IBGE, 2019).

Na EJA, a maior taxa de distorção idade-série no nível básico está nos estudantes homens. No 6º ano, a taxa de distorção idade-série é de 29,8% para o sexo masculino e 18% para o feminino. O PNAD (IBGE, 2019) apontou que os principais motivos da evasão escolar são os mesmos identificados nas redações: dificuldades de conciliação ou busca pelo trabalho, gravidez, cuidados de crianças, adolescentes, idosos, portadores de necessidades especiais ou responsabilidades com afazeres domésticos. As estatísticas nacionais indicam, ainda, outros fatores, como inexistência de vagas ou de escolas próximas do domicílio, falta de dinheiro para pagar as despesas como transporte, material escolar, problemas de saúde.

De acordo com o Censo Escolar (BRASIL, 2019), dos 3,3 milhões de matriculados na EJA, 62,2% têm menos de 30 anos, dos quais são 42,9% jovens mulheres. E dentre o total dos 37,8% matriculados adultos acima de 30 anos, são 58,6% mulheres. Na amostra, a maioria (59,2%) eram jovens entre 16 a 29 anos.

A evasão está sempre relacionada às causas que remetem, majoritariamente, à opressão e exploração doméstica. Nas redações, as jovens atribuíram ao casamento e/ou namoro (29%); gravidez e cuidados com os filhos (21%); desmotivação (17%); envolvimento com drogas e prostituição (13%); dificuldades em conciliar trabalho e estudos (12%); dedicação à família e vida doméstica (8%). As mais velhas atribuíram a evasão como às necessidades de luta pela subsistência (26%); cuidados com os filhos (24%); casamento e filhos (21%); proibição pelo esposo (11%); dificuldade de locomoção (16%); falta de vagas (5%).

As redações revelaram que quando adolescentes, as mulheres se viam obrigadas a abandonar os estudos ao se tornarem arrimo de família e, nas famílias próprias, elas abandonam a escola mediante interdições do companheiro, ou por se tornarem chefes de família, após o abandono pelo pai de seus filhos. Essa realidade das mulheres pobres ratifica uma desigualdade com raiz na exploração diferenciada da mulher: “[...] Sorj (2010) aponta que as desigualdades e diferenças de gênero repousam sobre uma norma que associa o feminino à domesticidade e que se expressa na divisão sexual do trabalho, atribuindo prioritariamente às mulheres a responsabilidade com os cuidados da família (EITERER et. al., 2014, p. 167).

Para elas, a divisão sexual do trabalho doméstico significou desvantagens sociais, contribuindo para situações de subordinação de gênero e classe. Ainda que as mais jovens possuam maiores facilidades de acesso às informações, sofrem as mesmas injunções que as alunas mais velhas, tais como namoro, filhos, cuidados com a casa, gravidez.

Apesar das dificuldades maiores, em 2019, 51,0% das mulheres matriculadas concluíram o ensino médio e, dos homens, 46,3%, como consequência da incorporação da mulher ao sistema educacional, prevalecendo o recorte de classe, uma vez que “[...] as mulheres oriundas das camadas mais pobres foram conduzidas à invisibilidade do trabalho doméstico, sem remuneração ou reconhecimento”. (CARVALHO, 1999, *apud*, LIMA et al., 2013, p. 7).

A expectativa de 34% das jovens, após a conclusão do ensino básico é obter o nível superior; 20% de ingressar no mercado de trabalho, 12% fazer um curso técnico. A principal expectativa das mais velhas é o ingresso ao mercado de trabalho (39%), seguido do ingresso no nível superior (22%), ou ingresso aos cursos técnico (17%). Assim, elas expressaram desejo de superação da trajetória cheia de dificuldades, submissão à opressão e exploração familiar e a exploração nos trabalhos considerados “sem qualificação” ou “trabalho simples”, doméstico que essas mulheres vivenciam. (MARCONDES, et al., 2003). Porém, circunscritas

às imposições capitalistas de um trabalho alienado como necessidade básica. Nas redações elas revelaram as aspirações a profissões de conteúdo mais técnico. O anseio por trabalho qualificado decorre da premência de contribuir com a manutenção da família ou provê-la. Então, a escolarização se tornou, para as mulheres, um meio para superar-se e progredir, sob as injunções opressivas e exploradoras do modo de produção capitalista. Sobretudo, a EJA é uma chance para resgatar o direito à educação destituído em suas trajetórias.

Palavras-chave: EJA. Gênero. Mulheres.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. (Prismas).

**BRASIL. Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da Educação básica 2019: notas estatísticas*. Brasília: 2020. 32 p.**

**BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras trabalho feminino no final do século XX. *Cad. Pagu*. Campinas, n. 17-18, 2002 p. 157-196.**

EITERER, Carmem L.; DIAS, Jacqueline D.; COURA, Marina. Aspectos da escolarização de mulheres na EJA. *Perspectiva*, Florianópolis: v. 32, n. 1, abr. 2014 p. 161-180.

**IBGE. Indicadores IBGE. *Pesquisa nacional de amostra de domicílios contínua – PNAD – contínua: principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil 2012-2019*. Brasília: 2019, 26 p.**

LIMA, Cinara de; STECANELA, Nilda; POLETTTO, Letícia B. As questões de gênero e as trajetórias de mulheres na EJA. In: *Ler e escrever o mundo: a EJA no contexto da educação contemporânea*. (Orgs.) Nilda Stecanela, Delcio Antônio Agliardi, Edi Jussara Candido Lorensatti. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014. p. 359-384.

**MARCONDES, Willer; ROTENBERG, Lúcia; PORTELA, Luciana; MORENO, Claudia. O peso do trabalho “leve” feminino à saúde. *São Paulo Perspec*. São Paulo, v. 17, n. 2, Jun., 2003 p. 91-101.**

MELO, Hildete P. de, LASTRES, Helena M. M., MARQUES, Teresa C. de N. Gênero no sistema de ciência, tecnologia e inovação no Brasil. *Revista Gênero*. Niterói, v. 4, n. 2, 1º sem, 2004 p. 73-94.